

Ensino superior para de crescer em SP

Fábio Takahashi

Após alta de anos anteriores, número de alunos que ingressaram nas instituições privadas aumentou apenas 0,6% entre 2007 e 2008

Especialistas divergem sobre causas da estagnação, mas defendem que taxa de ingresso de alunos precisa voltar a crescer

Após três anos de crescimento, o número de alunos que entra nas universidades privadas de São Paulo parou de crescer, ainda que a maioria dos jovens esteja fora do ensino superior.

Segundo o censo do Ministério da Educação, o número de ingressantes no sistema aumentou apenas 0,6% entre 2007 e o ano passado - ou seja, ficou estável. No período anterior, havia crescido 14,8%.

Os dados foram tabulados por Oscar Hipólito, ex-diretor da USP de São Carlos e pesquisador do Instituto Lobo.

A desaceleração ocorre em um momento em que só 15% dos jovens no Estado estão no ensino superior. O Plano Nacional de Educação prevê como meta um patamar de 30%.

As explicações para a queda do crescimento são diversas. As universidades privadas afirmam que a taxa vinha aumentando devido ao Prouni, programa criado pelo governo federal em 2005 que concede bolsas a estudantes pobres em universidades privadas, em troca de isenção fiscal às escolas.

Para o sindicato que representa as universidades, o modelo chegou ao ápice e não conseguirá aumentar mais a quantidade de alunos. A taxa de novas bolsas caiu de 21,1% em 2007 para 1,1% no ano seguinte.

O governo Lula diz que houve desaceleração devido ao aumento da fiscalização e da criação de indicadores de qualidade, como o Enade, o que inibe o crescimento de cursos ruins.

Já o presidente da Câmara de Educação Superior do Conselho Estadual de Educação-SP, João Cardoso Palma Filho, cita a opção das instituições por implementar cursos baratos, mas que enfrentam saturação de diplomados no mercado de trabalho - é a situação de administração e direito.

Dessa forma, afirma ele, o jovem fica desestimulado a procurar uma faculdade.

Nova aceleração

Apesar de discordarem dos motivos que levaram à desaceleração, os educadores ouvidos foram unânimes em afirmar que a taxa de ingresso de alunos precisa voltar a crescer.

O MEC aposta no novo modelo do Fies, programa federal de financiamento estudantil, que pode ser aprovado na próxima semana pelo Congresso.

O projeto prevê juros mais baixos (de 6,5% para 3,5%), tempo maior para pagar a dívida e um período de 18 meses de carência (o aluno só começa a pagar a dívida um ano e meio após ter se formado).

"Hoje o aluno tem medo de pegar o financiamento. Vamos mudar isso", disse a secretária de Ensino Superior do MEC, Maria Paula Dallari Bucci.

Neste ano, 32 mil alunos fizeram o financiamento. O MEC diz ter recursos para financiar 200 mil no ano que vem.

O Semesp (sindicato das particulares de SP) propõe outras duas alternativas. Uma é abater mais impostos no Prouni, em troca de aumento de bolsas. A ideia vai ser levada à União.

A outra é a possibilidade de o estudante usar o fundo de garantia para pagar o curso superior - proposta que está nos passos iniciais de análise no Congresso. "Se o FGTS pode financiar a casa própria, por que não os estudos?", afirmou o diretor-executivo do sindicato, Rodrigo Capelato.

Já o pesquisador Oscar Hipólito sugere que o financiamento seja mais amplo, com condições mais favoráveis aos alunos e que possa custear também gastos como material escolar.



Folha de S.Paulo, São Paulo, 4 dez. 2009, Cotidiano 1, p. C1.